



MEMÓRIA E RECONHECIMENTO EM “NENHUM, NENHUMA”, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

MEMORY AND RECOGNITION IN “NENHUM, NENHUMA”, BY JOÃO
GUIMARÃES ROSA

Ana Carolina Torquato Pinto
da Silva*

* ninatorquato@gmail.com
Mestra em Estudos Literários pelas universidades de Sheffield, Nova
de Lisboa e Santiago de Compostela, através do programa Crossways
in Cultural Narratives (Erasmus Mundus). Doutoranda do programa
de pós-graduação em Letras da UFPR e professora do curso de Letras
da FAE – Curitiba. Agradeço ao apoio da Capes no desenvolvimento
deste trabalho pela concessão da bolsa de pesquisa.

RESUMO: Este estudo analisa o conto “Nenhum, nenhuma” de João Guimarães Rosa, presente em *Primeiras Estórias* (1962) sob a perspectiva da memória e do reconhecimento. Para tal, utiliza-se bibliografia adequada ao tema, como a conferência “Memory, History and Oblivion”, de Paul Ricoeur e *Memória Coletiva*, de Maurice Halbwachs. Ambos os autores tratam dos processos de recuperação da memória dentro do âmbito individual e coletivo, assim como analisam as maneiras como o indivíduo reavessa os elementos fragmentados de suas lembranças. Além disso, analisam-se e discutem-se os estudos anteriores sobre a mesma obra de Guimarães Rosa, como Tatit, Pacheco e Perrone-Moysés. Ao fim do presente texto, propõe-se uma leitura para a segunda estória – segundo a teoria de Bueno – presente em “Nenhum, nenhuma”.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; reconhecimento; segunda estória; Guimarães Rosa.

ABSTRACT: This study aims at analyzing the short story “Nenhum, nenhuma” by Brazilian author João Guimarães Rosa from the perspective of memory and recognition. The short-story is part of the collection of stories entitled *Primeiras Estórias*. In order to do this, the study focuses on a conference by Paul Ricoeur, “Memory, History and Oblivion” as well as Maurice Halbwachs’ *On Collective Memory*. Both authors discuss the process of recognition of individual and collective memory as well as how the subject reassesses the fragmented elements of reminiscences. In addition, this study draws upon and discusses other authors’ findings on the analysis of “Nenhum, nenhuma”, such as Tatit, Pacheco and Perrone-Moysés. The expected result of this analysis is to discover a second story to the first one, using the theory coined by Bueno as basis.

KEYWORDS: Memory; recognition; second story; Guimarães Rosa.

PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

O conto “Nenhum, nenhuma” de João Guimarães Rosa faz parte de *Primeiras Estórias* (1962), volume que contém contos ou novelas¹ que nos apresentam uma nova fase da obra do autor após *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: Veredas*, ambos publicados em 1956. Em *Primeiras Estórias*, os textos são majoritariamente mais concisos e extremamente complexos, proporcionando ao leitor uma experiência trabalhosa devido à profundidade dos mesmos.

Os vinte e um contos do volume estão conectados entre si; se não o estão pela temática abordada em cada um, estão pelas *segundas estórias*² que escondem nas entrelinhas e podem ser percebidas através de um olhar atencioso por parte do leitor. Assim como *Corpo de Baile*, *Primeiras Estórias* também apresenta personagens que reaparecem ao longo do volume em contos diferentes, como é o caso de “As margens da alegria” e “Os cimos”. As duas narrativas relatam estórias sobre o mesmo menino em tempos e situações diferentes de sua vida e são, respectivamente, os contos inicial e final da obra.

Em “Nenhum, nenhuma”, oitavo conto do volume, o narrador-personagem relembra o que possivelmente são momentos de sua infância e relata os acontecimentos de alguns dias passados em uma “casa-de-fazenda” ou em uma “mansão, estranha”.³ Nessa casa, há um casal de jovens que enfrenta a

separação, o Moço e a Moça, assim como referidos no conto. O Moço, que vinha de fora, deixa a fazenda decepcionado por não trazer a Moça como sua esposa; impedida de acompanhar o Moço para supostamente cuidar de seus familiares, “uma velhinha – de história, de estória – velhíssima”⁴ e o Homem Velho, a Moça também sofre com a ida do Moço. O Menino, o narrador-personagem quando criança, observa essa série de acontecimentos sem entendê-los por completo. Quando é levado pelo Moço de volta a sua casa, ele também padece por afastar-se da Moça e da fazenda.

O texto é nebuloso e cheio de lacunas, deixando aberturas para que o leitor interaja com o evento narrado e seus personagens. Não existe clareza real no texto, tudo aquilo lemos pode ser interpretado de maneiras diferentes, pois a nebulosidade da narrativa nos permite e convida à interpretação de seus silêncios. Muitos estudos foram feitos para tentar desvendar os enigmas do conto em questão, uma vez que o mesmo é construído sob a perspectiva da memória em fragmentos e não entrega facilmente ao leitor os seus segredos. O narrador-personagem, ao tentar recuperar os detalhes que envolvem o episódio, descreve a maneira como as lembranças começam a voltar, através de “reflexos, relâmpagos, lampejos – pesados em obscuridade”,⁵ sem qualquer convite ou desejo de relembrar aqueles momentos dolorosos, mesmo para uma mente adulta.

1. Ambas as denominações são utilizadas pela crítica.

2. Cf. BUENO. *Segundas estórias: uma outra leitura de “Famigerado”*.

3. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 67.

4. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 69.

5. ROSA. *Primeiras estórias*, p. 67.

Este estudo propõe-se, primeiramente, a refletir sobre o papel da memória no texto e a maneira como o narrador faz uso dela para reconhecer os sentimentos que acompanham o evento lembrado. Em um segundo momento, apresenta-se uma estruturação para as lembranças da maneira como organizadas pelo narrador; na terceira parte, discute-se uma possibilidade de interpretação e desenvolvimento de uma possível versão para a *segunda estória* escondida em “Nenhum, nenhuma”.

PRESENTE VS PASSADO: A TENTATIVA DE REMEMBRAR

Com imprecisão e dúvida, assim, principia “Nenhum, nenhuma”. O conto é constituído pela reconstrução de uma memória longínqua da infância do narrador-personagem que ora se distancia, ora se aproxima da memória narrada e de seu principal personagem, o Menino. Neste conto rosiano, “tudo se resume a ‘lampejos’, que identificam muito mais intensidades de sentimento que referências concretas”,⁶ ou seja, a imprecisão que marca o texto refere-se tanto ao tempo que se passou desde o momento da estória rememorada, quanto à imprecisão característica do ato de relembrar um acontecimento sem que haja maneiras de confirmar sua veracidade.

Mesmo sendo “Nenhum, nenhuma” um conto que revela um evento que possivelmente aconteceu na vida do narrador-personagem enquanto criança, em alguns momentos o

mesmo utiliza em sua estória a terceira pessoa do singular, como se não fosse ele mesmo quem vivera aquele acontecimento. Ele refere-se ao personagem principal como o *Menino*, afinal, quem lembra não é mais o mesmo que viveu a memória narrada: “Como vivi e mudei, o passado muda também”.⁷ Talvez seja essa a razão para estabelecer inicialmente uma barreira entre o adulto que relembra uma memória infantil e o Menino que vivenciou a memória narrada. Há, portanto, uma diferenciação entre a percepção de mundo daquele menino e do adulto que faz esforço para se lembrar dos pormenores dessa reminiscência, que aparece em sua vida como uma “nuvem”.⁸ No entanto, em alguns momentos da narrativa, os mundos do adulto e do menino se unem; dessa forma, temos acesso às emoções experimentadas pela criança que chegam até o narrador-personagem veiculadas pela memória lembrada, pois “Não somente os fatos, mas as maneiras de ser e de pensar de outrora que se fixam assim dentro de sua memória”.⁹

A fim de ilustrar um narrador-personagem cheio de dúvidas e com dificuldade para ver o passado que deseja “relembrar”, o desenho do homem presente no sumário de “Nenhum, nenhuma”, criado por Luís Jardim,¹⁰ aparenta ter sua vista anuviada, como se algo obstruísse sua capacidade de ver e talvez mesmo de compreender o seu processo de recuperação da estória que conta através da memória. A importância do sumário ilustrado foi estudada por Fagundes,

6. TATIT. A extinção que não se acaba – “Nenhum, nenhuma”, p. 406.

7. ROSA. *Primeiras estórias*, p. 72.

8. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 71.

9. HALBWACHS. *Memória Coletiva*, p. 66.

10. Na edição de *Primeiras estórias* de 1981, a Livraria José Olympio insere a seguinte nota na folha de rosto: “Capa de Luís Jardim. *Primeiras Estórias* apresentam a novidade de um índice ilustrado: a pedido do Autor, Jardim fez desenhos-miniaturas, com paciência chinesa, para cada uma das estórias, compondo o conjunto de bonito índice geral.” (destaque presente no original)

em “Palavra e ilustração, texto e livro: a contemporaneidade de Guimarães Rosa”. Nesse estudo, o autor evidencia que é possível estabelecer uma conexão entre o conteúdo do texto literário e os desenhos sugeridos por Guimarães Rosa e incorporados por seus ilustradores.

Na literatura rosiana — até pelo menos *Corpo de Baile*, preponderantemente — os desenhos, elementos de uma visibilidade externa dos livros, encontram correlato numa visibilidade interna das paisagens literárias textuais que compõem diversas passagens de contos e novelas.¹¹

Ora, sabemos que um dos fatores que atrapalham o acesso à visão precisa de um acontecimento de longa data é o tempo, pois transforma o passado assim como o recordamos. A memória nos prega peças e os acontecimentos reais podem ser falsos ou diferentes da maneira como os revivemos na recordação, pois ela é suscetível a interferências do meio exterior. Nessa visada, Maurice Halbwachs explica que “[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada”.¹²

Para entender “Nenhum, nenhuma” em sua completude é preciso trabalhar a análise pelo viés da reconstrução da

memória e, por consequência, também através da maneira como a recuperação do passado afeta o presente do narrador-personagem. Ao contar sua estória, ele analisa o impacto que a memória teve em sua infância e tem em sua vida presente, chegando a conclusões até então desconhecidas para si mesmo.

É possível perceber três fases cruciais para os personagens de “Nenhum, nenhuma”: a do narrador-personagem adulto, a do Menino assim que chega à fazenda e a do Menino após sua transformação empírica. Existe um diálogo entre estes três momentos do narrador-personagem: o do adulto como quem tenta recuperar certos eventos do passado, mas que tem dificuldade para tal tarefa; o Menino que observa, sente e sofre os efeitos dos acontecimentos no seu momento presente e, por fim, o Menino que após passar por uma transformação substancial em sua vida, compreende e reage às mudanças que esta metamorfose trouxe para si, mantendo-a assim em sua memória. Quem acessa essa memória preservada, porém fragmentada, é o narrador-personagem, que aos poucos tenta decifrá-la e recuperá-la por completo. Outra dificuldade encontrada pelo narrador-personagem ao tentar reconstruir a lembrança adormecida é o fato de a imagem ter sido registrada por seu eu criança, assim, o narrador-personagem enquanto adulto só terá acesso aos detalhes gravados pelo observador menino que muitas vezes deixa escapar detalhes como a localização temporal e

11. FAGUNDES. Palavra e ilustração, texto e livro: a contemporaneidade de Guimarães Rosa, p. 84.

12. HALBWACHS. *Memória Coletiva*, p. 71.

espacial do acontecimento. Não sabemos o motivo que o leva a visitar seu passado distante, nem ao menos sabemos a veracidade da memória evocada, no entanto, essa é uma recordação que reaparece de maneira muito viva e forte, sendo capaz de alterar seu estado de espírito presente. O impacto da reminiscência deixa-o perturbado a ponto de afirmar que somente a rememoração completa o acalmará: “Se eu conseguir recordar, *ganharei calma*, se conseguisse religar-me: adivinhar o verdadeiro e real, já havido”.¹³

Paul Ricoeur, em conferência intitulada “Memory, History and Oblivion”¹⁴ proferida em Budapeste, define o enigma deixado pela memória à história, ou seja, a ausência aparente do passado, “o passado está, por assim dizer, presente na imagem como signo da sua ausência, mas trata-se de uma ausência que, não estando mais, é tida como tendo estado. Esse “tendo estado” é o que a memória se esforça por reencontrar”.¹⁵ No conto de Guimarães Rosa, não temos somente história, mas também uma estória; não falamos somente de uma memória vivida em conjunto, mas de uma memória individual catártica na existência do Menino que a mantém viva justamente por ter sido compartilhada com outros indivíduos que têm um papel fundamental para que ela perdure. Este relembrar está conectado com o conceito de anamnese, discutido por Ricoeur e atribuído primeiramente a Platão e Aristóteles como sendo uma forma de lembrar e rememorar o passado. Em “Nenhum,

nenhuma” existe uma consciência de que o acontecimento narrado ficou durante muito tempo perdido no passado, esperando um *reconhecimento* por parte do sujeito que o narra. Dessa forma, “ainda que não estando mais lá, o passado é reconhecido como tendo estado”.¹⁶

O enunciador¹⁷ da estória dá indícios de que a memória em questão é verdadeira e, portanto, deve ser retomada até o final, a fim de exaurir qualquer tipo de dúvida que ainda possa restar ao término de seu processo individual. Por conta disso, “Nenhum, nenhuma” apresenta, para a crítica, evidências “de uma cura psicanalítica freudiana”.¹⁸ Segundo, Perrone-Moisés (1978), o motivo que leva o narrador a buscar esse “método” é “recuperar as lembranças mais remotas, arrancar do fundo da memória as imagens esquecidas (recalcadas), para alcançar uma libertação e uma autoconciliação”.¹⁹ O método freudiano apontado por Perrone-Moisés como um recurso estilístico do autor para escrever o conto é associado com o procedimento para recuperação de uma memória esquecida no passado por Paul Ricoeur (2003). A chamada “talking cure”, ou a cura pela fala, pode tratar de traumas psicológicos, ou episódios que possam ter deixado uma marca profunda no imaginário de quem os relembra. Entretanto, a ressalva que é preciso inserir aqui é de que – como o próprio narrador informa ao leitor – a imagem do passado surge despretensiosamente, sem que ele a tivesse invocado: “O passado é que veio a

13. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 44. Grifo meu.

14. Disponível em tradução para o português no site da Universidade de Coimbra: <<https://goo.gl/VTFsrs>>. Acesso em 16 jul. 2016.

15. RICOEUR. *Memory, History and Oblivion*, p. 2.

16. RICOEUR. *Memory, History and Oblivion*, p. 2.

17. Utilizo aqui o termo empregado por Tatit em “A extinção que não se acaba – ‘Nenhum, nenhuma’”.

18. PERRONE-MOISÉS. *Nenhures: considerações psicanalíticas à margem de um conto de Guimarães Rosa*, p. 33.

19. PERRONE-MOISÉS. *Nenhures: considerações psicanalíticas à margem de um conto de Guimarães Rosa*, p. 33.

mim, como uma nuvem, vem para ser reconhecido: apenas não estou sabendo decifrá-lo”.²⁰

Dessa maneira, a razão da *cura pela fala* no conto de Rosa parece residir não na representação do método freudiano no texto literário, mas em uma espécie de teimosia do narrador que, uma vez decidido a recordar a memória que surge em sua mente, batalha incansavelmente para recuperar e organizar suas reminiscências individuais. O texto não nos apresenta um motivo para tal, mas sabemos a força da estória narrada, visto o modo como a experiência afeta o Menino e, por consequência, o narrador-personagem.

Como bem sintetiza Ana Paula Pacheco, “Nenhum, nenhuma” é “uma história que visa à ‘essência humana’, isto é, em que o vivido serve à procura da substância da vida”.²¹ A busca pelo substancial e a tentativa de reconhecer e entender a importância de um acontecimento tão antigo parece ser, portanto, o que move o narrador a trazer à tona a memória em questão.

ESTRUTURA DAS RELEMBRANÇAS

Nos primeiros dois parágrafos de “Nenhum, nenhuma”, a imprecisão se instala na linguagem utilizada pelo narrador-personagem na tentativa de definir o espaço que serviria de cenário para sua narração. Ele então tenta precisar o lugar onde se deu o acontecimento que relata através de

suposições feitas a partir do seu momento e localização presentes, “Dentro da casa-da-fazenda, achada, *ao acaso* de outras várias e recomeçadas distâncias, passaram-se e passam-se, na retentiva da gente, irreversos grandes fatos – reflexos, relâmpagos, lampejos – pesados em obscuridade”.²²

Depois segue em busca do exterior desta casa rural, grande como uma mansão e escondida pelas serras sem fim que a rodeiam, “A mansão, estranha fugindo, atrás de serras e serras, sempre, e à beira da mata de algum rio, que proíbe o imaginar”.²³ Já neste ponto da tentativa de recuperação do espaço, o narrador instaura a dúvida: “Ou talvez não tenha sido numa fazenda, nem no indescoberto rumo, nem tão longe? Não é possível saber-se, nunca mais”.²⁴ As perguntas são enunciadas pelo narrador-personagem para si mesmo, de forma que conduzem o delineamento da imagem que tenta lembrar, permanecendo soltas até que sejam respondidas ao longo do conto por ele mesmo ou que permaneçam incompletas por falta de confirmação externa e, por fim, perdidas para sempre. À medida que se esforça para lembrar, os detalhes da reminiscência são recuperados pelo narrador-personagem, seja por sugestão da mente adulta que vê o acontecido com distanciamento e racionalidade, seja por recuperação real das imagens que habitam a lembrança.

O terceiro momento se dá através da determinação do personagem, um menino, que ainda não sabemos quem é:

20. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 71.

21. PACHECO. *Lugar do Mito*, p. 56.

22. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 67.

23. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 67.

24. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 67.

25. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 67.
Grifo meu.

“*um* Menino penetrara no quarto, no extremo da varanda [...]”.²⁵ O uso do artigo indefinido para apresentá-lo denota a falta de detalhes específicos sobre ele, afinal, pela descrição disponível, poderíamos imaginar ser um menino qualquer quem entrara no quarto.

Até esse ponto, o leitor ainda sabe pouco ou nada sobre o Menino, porém, ao longo da narrativa, as informações começam a aparecer, seguindo o fluxo de memória do narrador. Da mesma forma, outros personagens começam a ser delineados nos parágrafos que se seguem; “o homem sem aspecto” que já havia sido introduzido como o “homem sem aparência”, começa a ser delineado, mesmo que por vias das incertezas: quem será esse homem? Somente no sexto parágrafo é que a memória que envolve a especificação de quem seria este personagem aparece de fato, mas ainda assim através da dúvida.

Aquela casa, como e por que viera ter o Menino? [...] A *dúvida* que isso marcou, no Menino, ajuda-o agora a muito se lembrar. A Moça, porém, era a mais formosa criatura que jamais foi vista, e não há fim de sua beleza. Ela poderia ser a princesa no castelo, na torre. Em redor da altura da torre do castelo, não deviam de revoar as negras águias? O homem, velho, quieto e sem falar, seria, na realidade, o pai da moça.²⁶

26. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 69.
Grifo meu.

Aos poucos, a figura do Homem Velho começa a desanuviar e tornar-se mais nítida. A memória, no entanto, permanece incerta levando o sujeito que recorda a buscar confirmação externa à narrativa, a fim de tentar criar uma imagem real do rosto daquele homem: “O homem sem aspecto tenta agora parecer-se com outro – um desses velhos tios ou conhecidos nossos, deles o mais silencioso. Mas segundo se apurou, não era”.²⁷

Mesmo na fragmentação da narrativa de memória, a Moça permanece central, bem definida e bela. Com o desenvolvimento da narrativa, o embaçamento inicial da vista do narrador ganha foco e nitidez, afinal, a moça é um dos elementos centrais da estória e, portanto, o foco da atenção do Menino que a observa, registrando em sua memória todos os detalhes de seus movimentos, sentimentos e ações. “A Moça é então que reaparece, linda e recôndita. A lembrança em torno dessa moça raia uma tão extraordinária, maravilhosa luz, que, se algum dia eu encontrar, *aqui*, o que está por trás da palavra ‘paz’, ter-me-á sido dado também através dela”.²⁸ Nessa passagem, temos evidência de que a memória de “alta definição” da imagem da Moça só é possível, porque ela até o momento da narração ainda afeta o enunciador, que se lembra dos detalhes que a envolviam como sendo cheia de luz e beleza. Isso se comprova na inserção do “*aqui*”, grafado em itálico no trecho acima,

27. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 67.

28. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 68.

indicando que não mais está falando do tempo de criança, mas sim do momento presente no qual está inserido quando recupera a cena passada.

O leitor sabe, no entanto, que se trata de uma lembrança bastante antiga, datada talvez de 1914? – “Foi a Moça quem enunciou, com a voz que assim nascia sem pretexto, que a data era a de 1914?”.²⁹ Como a pergunta permanece sem resposta, é impossível precisar uma marca temporal que, de fato, especifique esse momento. A impossibilidade permanece até mesmo no discurso do narrador, que nos mostra não haver esperança de confirmação sobre a precisão dos detalhes da lembrança por falta de familiares ou pessoas que com ele dividiram aquele momento e que talvez pudessem ajudá-lo a se lembrar: “Tudo não demorou calado, tão fundamente, não existindo, *enquanto viviam as pessoas capazes*, quem sabe, de esclarecer onde estava e por onde andou o Menino, naqueles remotos, já peremptos anos?”.³⁰

Em “Nenhum, nenhuma”, o ato de recordar a infância ilustra questionamentos que vão além da problemática da memória, pois a lembrança infantil presente em “Nenhum, nenhuma” evoca tristeza e um sentimento de não-ser-ouvido, nem de ser digno de atenção por parte dos adultos/pais; como se enquanto criança, o ser-humano fosse incapaz de apreender o essencial de sua ainda jovem existência. Contudo, fica claro o envolvimento do Menino como

testemunha do que acontecera na vida do moço e da moça e a maneira como ele sente profundamente as emoções evocadas pela trama da qual faz parte. Além disso, o Menino é capaz de transformar os sentimentos decorrentes da observação da trama em uma reflexão individual. Quando ele volta para a casa dos pais – mesmo sem saber ao certo porque saíra – está mudado, transformado em alguém diverso e alheio a eles, causando a estranheza e revolta do estremecimento final.

Aquele momento de estranhamento culmina em uma autoafirmação do Menino que passa a se ver como indivíduo dissociado de seus pais, mesmo porque quando tudo isso aconteceu o Menino não estava junto deles, mas de pessoas das quais nem sabe o nome ou parentesco em relação a si mesmo. Dessa forma, o estereótipo da criança que precisa da aprovação dos pais para realizar suas ações cai por terra, o que vemos a seguir é a negação do modelo tradicional de vida infantil orientado pela vida e pensamento dos pais e a instauração do oposto: a consolidação do “eu” elucidado pela pergunta final “eu; eu?”.³¹

NENHUM, NENHUMA

Em “Nenhum, nenhuma”, a recuperação de um episódio de infância através da memória conduz o narrador-personagem a reanalisar o que sucedeu no momento em que

29. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 68.

30. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 68.

31. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 75.

conta sua estória. A maturidade do adulto, nesse caso, possui um papel norteador para a compreensão de um momento remoto de sua vida “em que ocorreram fatos cruciais, mas pouco nítidos para a apreensão imatura de uma criança”.³² Suas observações sobre o relacionamento entre a Moça e o Moço, o silêncio do homem velho e o papel da velhinha Nenha, culminam no estranhamento final e na dificuldade de entender suas próprias ações quando menino. Mesmo assim, ainda ficam perguntas cujas respostas não estão na superfície do texto: De que forma esse trajeto de reconhecimento do passado interfere no presente do narrador? Por que a observação do desmanchamento do enlace entre o Moço e a Moça pôde abalar o Menino? Para respondê-las é preciso interpretar o que está por trás da superfície da primeira estória, para assim chegarmos até a *segunda estória* que permanece como enigma no conto.

O que mais intriga em “Nenhum, nenhuma” é a maneira como o Menino, a partir da observação do desentendimento entre o Moço e a Moça, direciona seu estranhamento para acusar diretamente o relacionamento de seus pais: “Vocês não sabem de nada, de nada, ouviram? Vocês já se esqueceram de tudo o que, algum dia, sabiam!...”³³ Para ele, existe uma conexão direta entre o relacionamento da Moça e do Moço e o de seus pais, uma vez que o acontecido na casa influenciou sua relação com os pais.

A crítica tem trabalhos importantes a respeito do conto de Rosa que apresentam respostas às questões colocadas acima. Leyla Perrone-Moisés, em “Nenhures”, Luiz Tatit, em “A extinção que não se acaba – ‘Nenhum, nenhuma’” e Ana Paula Pacheco, em *Lugar do mito* apresentam interpretações que visam explicar a conexão do Menino com os adultos que o rodeiam. Perrone-Moisés e Pacheco usam como respaldo a teoria mitológico/psicanalítica de *Édipo* e do complexo de mesmo nome criado por Sigmund Freud; em “Nenhures”, Perrone-Moisés trabalha com a ideia da recusa do sexo como pureza de espírito e do corpo, escolha que seria louvável na Moça quando ela nega o pedido do Moço e, conseqüentemente, repudiável nos pais do Menino. Segundo a autora, já que o Menino é o produto direto da união sexual entre o pai e a mãe, existe um processo de autoanulação dele em relação a si mesmo quando desconhece seus progenitores. Portanto, ele seria *nenhum*.

Já Luiz Tatit opta por trabalhar a interpretação do conto seguindo um viés semiótico, destacando aspectos da narrativa como a memorização e a potencialização, através dos quais identifica uma divergência entre o momento da escolha da Moça e a reação desnortada do Menino que se sente “ninguém”.

Em razão dessa desordem interna geral, o Menino se sente ora como “ninguém” (“Atordado o Menino tornado quase

32. TATIT. A extinção que não se acaba – “Nenhum, nenhuma”, p. 405.

33. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 75.

incôncio, como se não fosse ninguém...”), em oposição a todos os outros personagens da fazenda, ora como parte integrante desse grupo dos outros, numa autêntica oposição participativa.³⁴

Tatit também enfatiza que ao mesmo tempo em que o garoto se vê deslocado do meio onde está inserido, por outro lado percebe-se parte integrante da vida das outras pessoas que o cercam: a Moça, o Moço, o homem velho e a Nenha. De fato, o Menino ainda pequeno experienciará tudo o que os outros estão vivendo ou já viveram em suas vidas, a juventude, o amor, a dor, a doença e a morte; sendo assim, eles possuem experiências em comum. Além disso, é através dessa experiência coletiva de interações interpessoais e convivência que o Menino fortalece a memória guardada.

À primeira vista, o conto revela uma *primeira estória* de enredo simples: um narrador adulto revisita seu passado de infância e chega a um acontecimento específico, relatando uma viagem que fez sem a família para uma casa de fazenda. Naquela casa, havia uma Moça e um Moço visitante e eles estavam de namoro; a Moça morava na casa com seu pai doente e uma velhinha de quem cuidava. O Moço a pede em casamento e é rejeitado.

A *segunda estória* que surge nas entrelinhas do enredo principal se dá em volta do momento de escolha da moça e no

que ela se baseia para tal. O texto demonstra que desde o início existe um descompasso entre o tempo interior do Moço e da Moça. Eles parecem estar apaixonados e trocam olhares de amor, “Eles olhavam um para o outro como os passarinhos ouvidos de repente a cantar [...]: como do assoprado das cinzas a esplendor das brasas”.³⁵ O descompasso se dá nos querer de cada um: “Mas a Moça estava devagar. Mas o Moço estava ansioso”.³⁶ Além disso, ambos parecem ter gradações diferentes – apesar de semelhantes – do amor: “A Moça e o Moço, quando entre si, passavam-se um embebido olhar, diferente do dos outros; e radiava neles um olhar igual, parecido”.³⁷ O Menino, que observava tudo, (“O Menino, sempre lá perto, tinha de procurar-lhes os olhos.”),³⁸ testemunha o amor que se inicia. Ora desejando que eles nunca parassem de se amar, ora com ciúmes do Moço.

No decorrer do texto, quando o Moço a pede em casamento, ela o recusa não por vontade de manter sua pureza ou por promessa feita a Deus (“Sobre este ponto, ela sorria – muito – flor, limite de transformação. *Obrigara-se por um voto? Não*”).³⁹ Talvez por devoção ao pai e à Nenha? Também não, como exemplifica o trecho abaixo.

Trasvisto, sem se sofrear, fechando os dentes, o Moço arguia com a Moça, ela firme e doçura. Ela tinha dito: – “... esperar, até a hora da morte...” Soturno, nervoso, o moço não podia

34. TATIT. A extinção que não se acaba – “Nenhum, nenhuma”, p. 405.

35. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 68.

36. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 68.

37. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 68. Grifo meu.

38. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 68.

39. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 73. Grifo meu.

entender, considerar no impeditivo. Porque a moça explicava: que não a morte do pai, nem da velhinha Nenha, de quem era a tratadeira. Falou: – “Mas a nossa morte...”⁴⁰

40. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 73.

O texto nos dá poucas informações sobre as razões que levaram a Moça a recusar o pedido de casamento. Porém, é possível interpretar alguns deles para construir a segunda história. O narrador-personagem em seu processo de recordação revela que a Moça usava preto – “A Moça, de formosura tão extremada, vestida de preto, e ela era alta, alva, alva; parecia estar de madrinha num casamento, ou num teatro?” –,⁴¹ mas por que razão? A passagem questiona o porquê de a Moça usar preto, porém o texto não dá sinais de que uma festa esteja acontecendo na casa, portanto o que podemos concluir é que a Moça está de luto, mas por quem? Talvez ela seja viúva? Nada disso fica claro na narrativa, porém, mais à frente temos uma possível confirmação de que a Moça já passou por uma situação de sofrimento antes e foi em relação ao amor: “A Moça não queria que coisa alguma acontecesse. A moça tinha um leque? O moço conjurava-a, suspensos olhos. A Moça disse ao Moço: – ‘Você ainda não sabe sofrer...’ – e ela tremia com os ares azuis”.⁴² Assim, torna-se possível cogitar o luto. O “ainda” presente no discurso da Moça evidencia que ela conhece a dor e sabe que ela algum dia virá para ele também.

41. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 70.

42. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 71.

O que leva a Moça a negá-lo é sua percepção de que os motivos que o movem a propor a união são de natureza

“ansiosa” demais para serem guiados pelo desejo de amor, assim como ela o quer. “Mais disse: – “Se eu, se você gostar de mim... E como saber se é o amor certo, o único? Tanto é o poder errar, nos enganos da vida...”⁴³ A Moça necessita da confirmação de que o amor de ambos perdurará ao longo do tempo, mesmo se estiverem em um casamento nos moldes tradicionais, ou seja, que deva durar até morte dos envolvidos. Ela o questiona para obter confirmações sobre um futuro incerto, sobre a finitude ou renovação do amor, afinal é impossível adivinhar os acontecimentos que permeiarão a existência de cada um. Se a Moça estiver realmente de luto, faz sentido ela considerar a permanência do amor no Moço mesmo após a sua própria morte. “Será que você seria capaz de se esquecer de mim, e, assim mesmo, depois e depois, sem saber, sem querer, continuar gostando? Como é que a gente sabe?”⁴⁴ Nesse trecho, em sua fala a Moça parece revelar algo sobre si mesma, sobre estar em luto há algum tempo e mesmo após a morte do marido ou de quem havia amado, “sem saber, sem querer”, ainda continuar gostando, amando quem já partiu como um sinal da força do sentimento.

43. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 73.

44. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 73.

Em sua recusa, a Moça exerce a vontade consciente de não adentrar em um relacionamento guiada somente por uma necessidade patriarcal de ter uma família, ou por ser mulher e ter o dever de tornar-se responsável de outro. Ela vê *outras* razões que devem orientar quem adentra

um relacionamento dessa natureza. Por isso, ela não tem pressa, “A Moça não queria que coisa alguma acontecesse”.⁴⁵ O Moço, no entanto, implora para que ela reconsidere sua decisão, mesmo que em vão. “Desesperado, o Moço, lívido, *ríspido*, falava com a Moça, *agarrava-se aos varões da grade do jardim*. Dissesse: que era um simples homem, são em juízo, para não tentar a Deus, mas para seguir o viver comum, por seus meios, pelos planos caminhos!”.⁴⁶ O Moço parece entender os motivos que a levam a permanecer no luto, alegando que não deseja “tentar a Deus”, mas sugere que ela siga os “planos caminhos”, ou seja, que continue a sua vida e que dê chance a um novo amor.

Mesmo assim, ela não cede e permanece em sua decisão, “Que será, agora, se a Moça não o quiser reter, se ela não concordar? A Moça, lágrimas em olhos, mas mediante o sorriso, linda já de outra espécie. Ela não concordou”.⁴⁷ Ela escolhe manter-se ao lado do imutável, do futuro certo e previsível e continua ao lado de Nenha e seu pai: “E a Moça se ajoelhou, curvada para o berço da Nenha, velhinha, e chorava, abraçando-a – ela se abraçava com o inmutável, o imutável”.⁴⁸

A narrativa nos mostra que a dor trouxe um conhecimento empírico para a Moça, que falta ao seu pretendente, que permanece imaculado em sua falta de sofrer. Portanto, o texto demonstra que ela colocou o Moço à prova e sob o

efeito de suas palavras até mesmo ele foi capaz de duvidar da longevidade de seu próprio amor depois da conversa que tiveram. Ele sabe que a Moça pode estar certa em sua decisão: “Ele, o Moço, disse: – ‘Será que posso viver sem dela me esquecer, até a grande hora? Será que em meu coração ela tenha razão?...’”.⁴⁹ Nesse trecho, o narrador retorna à questão da memória, trabalhando com a possibilidade de esquecimento ou da permanência do passado nas lembranças do Moço. Sendo por conta do amor longo ou da intensidade do momento vivido, ele não a esquecerá.

O passado distante que retorna a fim de ser reconhecido pelo narrador adulto transforma-se diante de seus olhos. O Menino que presencia o desenrolar da trama entre o Moço e a Moça sofre o impacto das ações daqueles que o rodeiam. Ele chega à casa-de-fazenda como uma criança e age como tal, tem medo da representação da morte através da figura de Nenha, mas ao mesmo tempo se rende ao lúdico quanto tenta brincar com ela. Porém, o que acontece com os adultos o abala e transforma. Naquele momento, o Menino sente o choque sofrido mesmo sem entender completamente o alcance de seus sentimentos.

O narrador-personagem, entretanto, compreende a recordação em sua completude e é capaz não só mesmo de lembrar, mas de também *reconhecer* a segunda estória por trás de seu passado, “Vê-se – fechando um pouco os olhos,

45. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 71.

46. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 74.
Grifo meu.

47. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 74.

48. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 74.

49. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 75.

50. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 74.

como a memória pede: o reconhecimento, a lembrança do quadro, se esclarece, se desembaça”.⁵⁰ A imagem e o que está por trás dela se desembaça, clareando por completo suas vistas. A segunda estória vem à tona a partir do processo de recuperação da memória e da experiência concedida pelo tempo e pela maturidade do narrador-personagem. Não sabemos o que motiva o ressurgimento dessa lembrança, porém fica claro no texto que há necessariamente uma diferenciação entre as maneiras de compreender a vida do Menino e do adulto. Essa oposição norteia o desenvolver e o compreender da segunda estória, pois é por conta do ponto de vista do adulto que as reflexões mais aprofundadas sobre a memória de infância começam a surgir.

O Menino permanece com sua compreensão infantil do acontecimento, mesmo que impactado pelo que aconteceu. A forma como ele se relaciona com os eventos é através de sentimentos que se mantêm confinados à sua individualidade. Para os outros, o Menino e a velhinha Nenha são *nenhum* e *nenhuma*, respectivamente, por estarem à margem como observadores do que acontece entre os dois jovens. Ambos não têm poder de ação direta no episódio entre o Moço e a Moça. O Menino por ser criança pequena, não é levado a sério pelos adultos e a Nenha por ser velha, “velhíssima” e por permanecer alheia a tudo, também não: “Não, a Nenha não reconhecia ninguém, alheada de fim, só um pensar sem inteligência, imensa omissão, e já

condenados segredos – coração imperceptível”.⁵¹ Essa atribuição de quem seria nenhum e nenhuma se dá somente no relato de memória do narrador, pois o Menino quando vive o momento que para ele era presente, não percebe a realidade da mesma maneira.

A narrativa de memória, portanto, serve de mote para a reanálise do passado vivido, pois é através dela que o narrador-personagem é capaz de acessar novamente o que há muito ficara esquecido em sua mente e, até então, permanecera na incompreensão.

PALAVRAS FINAIS

Em “Os Vastos Espaços”, ensaio que introduz a edição de 1981 da José Olympio de *Primeiras Estórias*, Paulo Rónai discorre brevemente sobre a natureza do volume e o termo *estórias*. Segundo ele, Rosa criou o neologismo e o inseriu pela primeira vez em “Nenhum, nenhuma” no trecho em que fala sobre Nenha: “Era uma velha, uma velhinha – de história, de estória – velhíssima, a inacreditável”.⁵²

O volume contém muitas *estórias* de vida, morte e além-vida de seus personagens. Como ressalta Rónai, o título *Primeiras Estórias* dá-se não por aludir “a trabalhos da mocidade ou anteriores aos já publicados em volumes, e sim à novidade do gênero adotado: a estória”.⁵³ Atualmente, o termo “estória” já não causa estranheza, já estamos familiarizados

51. ROSA. *Primeiras Estórias*, p. 72.

52. RÓNAI. *Os vastos espaços*, p. xxiii.

53. RÓNAI. *Os vastos espaços*, p. xxiii.

com o termo por ter sido inserido no dicionário com a seguinte definição: “Narrativa de ficção, oral ou escrita”.⁵⁴

Dessa forma, podemos tomar como verdade que cada conto nos revela uma estória, que também pode conter indícios de história, tratando de elementos de ficção, mas também do mundo referencial. A forma como a narrativa de cada uma se desenrola pode mudar. Os personagens ora são orientados pelo amor, ora pela raiva e violência, ou pela esperteza e pelo misticismo.

Em “Nenhum, nenhuma”, temos uma narrativa que oscila entre a tentativa obstinada de *rememoração* racional de um episódio extremamente emocional. Assim se opõem e complementam o Menino e o narrador; o primeiro atua na estória em busca do conhecimento de sua essência substancial, o segundo sente-se tocado pela memória que vem à tona fragmentada e efêmera. O narrador possui o papel de decifrar a si próprio quando criança, compreender os motivos que o levaram a amadurecer de forma tão abrupta, causando estranheza em si mesmo e em relação aos pais. Ao contrário do que identifica Rónai, “Neles [os personagens] a intuição e o devaneio substituem o raciocínio”,⁵⁵ toda a narrativa se mostra dotada tanto da racionalidade, quanto da emoção, pois ao mesmo tempo em que o enunciador é tomado pela perturbação da memória, ele também trabalha insistentemente para relembrar o acontecimento

até o fim. Isso por si só já revela um engajamento por parte do narrador-personagem em relação ao seu processo de lembrar uma memória tão antiga e incompleta.

Da coexistência entre emoção e racionalidade, infância e maturidade é que aparecem a primeira e a segunda estória do texto. Ambas coabitam o mesmo espaço e se revelam ao desenrolar do texto. A primeira e a segunda estória estão muito vivas em “Nenhum, nenhuma” e acabam por conduzir o leitor de maneira alternada. Podemos analisar o conto sob a perspectiva do menino e sob a do narrador, sendo estas, respectivamente, a *Primeira* e a *Segunda* estórias dessa narrativa.

REFERÊNCIAS

BUENO, Luis. Segundas estórias: uma outra leitura de “Famigerado”. **O Eixo e a Roda**: Revista de Literatura Brasileira, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, 2014, p. 147-164.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/>>. Acesso em 14 jul. 2016.

FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. Palavra e ilustração, texto e livro: a contemporaneidade de Guimarães Rosa. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 7, n. 2, 2003, p. 79-94.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Vértice, 1990.

54. ESTÓRIA. In: PRIBERAM online. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/estória>>. Acesso em: 15 out. 2018.

55. RÓNAI. Os vastos espaços, p. xxiv.

PACHECO, Ana Paula. **Lugar do mito**: narrativa e processo social nas Primeiras estórias de Guimarães Rosa. São Paulo: Nankin, 2006.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Nenhures: considerações psicanalíticas à margem de um conto de Guimarães Rosa. **Colóquio/Letras**, Lisboa, n. 44, jul. 1978, p. 31-45.

RICOEUR, Paul. Memória, história e esquecimento. In: HAUNTING MEMORIES? HISTORY IN EUROPE AFTER AUTHORITARIANISM, Budapeste, 2003. s.t. Coimbra: Universidade de Coimbra, s.d. Disponível em: <<https://goo.gl/VTFsrs>>. Acesso em: 16 jul. 2016.

RÓNAI, Paulo. Os vastos espaços. In: ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. 12. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1981.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. 12. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1981.

TATIT, Luiz. A extinção que não se acaba – “Nenhum, nenhuma”. **Alfa**, São Paulo, n. 53, v. 2, 2009, p. 405-427.

Recebido em: 20-09-2017.

Aceito em: 05-09-2018.